

Introdução

Duas questões nunca estiveram tão em voga quanto nos tempos atuais. Embora ambas, à primeira instância, pareçam não possuir qualquer relevância ou relação entre si; elas apresentam uma semelhança no que se refere à estrutura lógica e um ponto específico que é, ao mesmo tempo, um “nó” em comum e também, fonte de suas origens.

As duas questões em si são o panoptismo e o espaço fílmico.

A presente dissertação trabalha sobre três linhas-mestras, procurando estabelecer uma inter-relação entre elas. Primeiramente o panoptismo e a estrutura de seu mecanismo enquanto produtor do espaço.

Em segundo, o papel do espaço, dentro do panoptismo e de um filme, por conseguinte, analisando sua presença no que seria o conceito do aparato cinema. E por último, como o “olhar” torna-se o mentor na criação e na produção dos espaços, tanto no panoptismo quanto no cinema.

O estudo do panoptismo através, primeiro da vigilância e mais tarde do controle, é talvez, uma das formas mais perfeitas para se entender a dinâmica da construção e da produção do espaço pelo homem.

Como o cinema, desde seus primórdios, sempre se apresentou como uma reprodução tanto da realidade quanto da própria sociedade em si, é através de seu estudo também, que se poderia entender mais sobre a dinâmica supra-citada.

O cinema produz seus espaços através da produção de um olhar, seja de um diretor, de um espectador, etc; assim como o olhar no panoptismo concebe uma gama de olhares, os mais variados, produtores de seus próprios espaços.

Isso implica em dizer, que se a estrutura mecânico-lógica do panoptismo é similar a do cinema, então, analisar a ambos seria como observar a imagem de um mesmo objeto refletida várias vezes em vários espelhos.

Uma auxiliaria na compreensão da outra, na medida em que se observaria um mesmo objeto em diversos ângulos. Mas, ainda assim, seria o mesmo objeto.

Entender a relação existente entre esses processos e os elementos existentes nesses espaços, é a chave mestra do processo cognitivo sobre a “visão” humana na construção física e, principalmente, conceitual, do espaço.

Portanto, o estudo tanto do panoptismo, quanto deste no cinema, e a própria relação destes com o espaço – real ou diegético – é de suma importância para aqueles que querem entender sobre a dinâmica espacial enquanto produto da atuação do homem sobre o meio.

E essa análise mais aprofundada, é fundamental no sentido de percepção da cada vez mais intrínseca e indivisível fronteira entre o real e o ficcional.

Partindo-se dos principal pensador sobre o panoptismo e um dos principais sobre a questão do espaço, Michel Foucault e Milton Santos, respectivamente, procurou-se estabelecer uma malha, uma matriz de discussões através de estudos sobre o panoptismo, o panoptismo no cinema, o espaço real e o espaço fílmico.

E como esses elementos se relacionam, de forma a interagir sobre a égide de um único outro elemento: o olhar.

Como corpus de análise, foram selecionados quatro filmes, que atendem a característica solicitada para o estudo, isto é, que não apenas seu conteúdo ou a história contada abordem a questão do panoptismo, mas que também sua estrutura fílmica – espaço, tempo, luz, narrativa, cenários, etc – seja montada de forma a similarizar esse conceito.

Cada um dos filmes selecionados para análise, pertence a uma década diferente e são apresentados em ordem cronológica, e, embora apresentem visões específicas e inerentes de suas épocas, seus conteúdos são atemporais.

Os filmes são: *Laranja Mecânica* (1971) de Stanley Kubrick, *1984* (1984) de Michael Radford, *Inimigo do Estado* (1998) de Tony Scott e *Minority Report* (2003) de Steven Spielberg.

A análise dos filmes em questão, embasada nos estudos conceituais sobre o panoptismo e sobre o espaço, ajudaram numa reflexão que norteia uma elaboração teórica sobre a construção não só da sociedade e o meio na qual esta se insere, mas também do próprio homem, através de seu próprio olhar.

A dissertação está dividida em cinco capítulos a saber: No primeiro serão discutidos a concepção do Panóptico de Bentham e suas conseqüências e desdobramentos, bem como os postulados de Foucault sobre o panoptismo, realizando-se uma reflexão teórica sobre o panoptismo.

No segundo, o pensamento de Foucault e a questão do poder no panoptismo, e o conceito de espaço visto pelos geógrafos, abarcando assim, uma reflexão sobre a relação entre espaço e poder.

No terceiro, a discussão cabe ao significado do espaço para e no cinema, e como a vigilância – produto mor do panoptismo – atua dentro desse espaço fílmico.

No quarto capítulo, é feita a aplicação do desenvolvimento teórico através da análise fílmica dos filmes selecionados; e no último, são tecidas as considerações finais.